

Jordi Llobregat

O Segredo de Vesálio

Tradução
Mário Dias Correia

Para ti, mãe

Curto e fácil é o caminho da especulação, mas não conduz a parte alguma; longo e penoso é o caminho da experiência, mas leva-nos a conhecer a verdade.

GALENO, 216 d. C.

Hoje pode descobrir os seus erros e amanhã obter uma nova luz sobre aquilo de que hoje julga ter a certeza.

MUSA IBN MAYMUN (MAIMÓNIDES), 1185 d. C.

Só através do seu engenho pode o homem viver eternamente.

ANDRÉ VESÁLIO, 1564 d. C.



Capítulo 1

1888, Barcelona. Port Vell. Perto do cais de Lazareto

Depois de esquadrinhar as sombras pela terceira vez, o velho praguejou entredentes. O silêncio rodeava-o, um silêncio que só era perturbado pelo chapinhar da água contra o casco. A chuva, açoitada pelo vento, caía em grandes bâtegas sobre a barca e encharcava a tolda e as caixas de tabaco armazenadas por baixo. Àquela hora, quando a manhã começava a insinuar-se, a bruma envolvia Port Vell e o cais, e as embarcações fundeadas e os edifícios dos arsenais eram apenas borrões; mal se distinguia a linha da costa e cabotar tão perto dos paredões do porto era muito arriscado. Mas ele já o fizera centenas de vezes, e voltaria sem dúvida a fazê-lo outras tantas. Não era isso que o preocupava. O que o fazia sentir-se como se tivesse lastro no estômago era a certeza de que naquela noite alguma coisa ia correr muito mal.

Levantou-se vento e o mar encrespou. Os olhos do velho, rodeados por uma infinidade de rugas, perscrutaram a embarcação desde a proa, onde o filho dormia, até à vela de algodão – bem presa ao mastro –, que começou a drapejar. O velho puxou o cabo com a perícia que a experiência dava e depois de verificar, satisfeito, que o pano voltava a enfunar, amarrou-o à abita de madeira. Cerrou as mãos e os dedos

protegidos por luvas de lã protestaram como cordas velhas. A humidade entranhava-se-lhe nos ossos, tornando inúteis as pesadas roupas que vestia. Suspirou. Aquele trabalho tornava-se-lhe cada vez mais pesado, em breve deixaria de poder manobrar a barca. Na verdade, adivinhava que não chegaria a ver o fim do século, nem as maravilhas que todos anunciavam, ainda que, quem queria saber daquelas malditas máquinas? Que louco podia acreditar que aqueles artefactos barulhentos eram melhores do que os braços de um homem? Cuspiu para a água e virou o leme uma quarta.

Deixaram Montjuic a bombordo e a cidade, até então invisível, foi surgindo pouco a pouco de entre a neblina. O velho conduziu a embarcação para perto do cais do Lazareto, onde o esperavam para descarregar, escondidos das vistas do castelo e dos vapores que àquela hora começavam a cruzar o porto.

A corrente empurrou-os para as rochas. Agarrava a cana do leme para corrigir o rumo quando um movimento à superfície lhe captou a atenção. Perto da doca a névoa era menos densa e conseguiu distinguir o quebra-mar, salpicado de espuma. A poucos metros, entre madeiras e restos de aparelhos, flutuava um volume de grandes dimensões. No instante seguinte, o mar cobriu-o e não voltou a emergir. O velho deu um estalo com a língua e esperou. Não seria a primeira vez que um navio mercante perdia parte da carga. Um golpe de sorte para os que a encontravam.

O tempo passou e, de má vontade, o velho começou a pensar que a imaginação lhe pregara uma partida. Preparava-se para tirar a barca da corrente quando ouviu um chapinhar. O volume reapareceu, dessa vez várias braças mais perto, a balouçar na ondulação. O velho rasgou mais o sorriso, a mostrar os dentes enegrecidos, e rodou o leme. Ao aproximar-se, verificou que se tratava de uma caixa de carvalho do tamanho de uma barrica de vinho. Pelos selos gravados na madeira, deduziu que era francês. As grossas cordas que a amarravam continuavam bem atadas, o que significava que se mantinha estanque, um ponto muito importante: a mercadoria que continha não estaria

estragada pela água. Os franciús costumavam transportar porcelanas, tecidos de qualidade e bebidas. Qualquer destas mercadorias proporcionaria um bom lucro. Fixou o leme e olhou para o filho.

– *Apa*, levanta-te e pega no croque.

O rapaz olhou para ele sem compreender até que avistou a grande caixa a boiar ao lado da barca. Levantou-se aos tombos e procurou debaixo do banco. Depois de afastar a rede de pesca e algumas cordas, pegou numa comprida vara que terminava numa ponta de ferro com gancho. Seguindo as instruções do pai, estendeu o croque até conseguir apanhar uma das cordas que amarravam a caixa. O velho, munido de um croque mais pequeno, ajudava do outro lado. Pouco a pouco, arrimaram a caixa ao costado e prepararam-se para içá-la para bordo.

– *Vá*. Com cuidado... Santo Deus!

Uma garra antropomórfica de dedos afilados agarrou o braço do velho, que ficou a olhar, paralisado pela incredulidade, enquanto aquilo o puxava para a água escura. Antes que pudesse reagir, uma onda fez balouçar a barca e a fantasmagórica aparição desvaneceu-se diante dos seus olhos como se nunca tivesse existido.

O rapaz correu pela coberta e puxou o pano que tapava a lanterna. A luz mostrou uma criatura que flutuava junto à caixa, agarrada às cordas para se manter à superfície. O rosto, onde dois buracos negros ocupavam o lugar dos olhos, contorceu-se numa careta grotesca quando tentou falar mas, em vez de palavras, da boca saiu um balbúcio ininteligível, seguido por um gemido. Não parecia capaz de aguentar muito mais tempo o embate das ondas.

Ao cabo de um instante de hesitação, o velho ordenou ao filho:

– Mantém a caixa quieta.

O rapaz não se mexeu. Lívido, não conseguia desviar os olhos do monstro. Nesse instante, uma nova onda voltou a afastá-los.

– Raios, filho!

– Pai, tem... tem a certeza?

A caixa começava a afundar-se.

– *Vinga!*

O rapaz tornou a pegar no croque e, cravando o gancho na madeira da caixa, segurou-a contra o costado da barca. Entretanto o pai, firmando as pernas debaixo do banco, agarrou com ambas as mãos o braço que a criatura lhe estendia. O contacto era frio e escorregadio. O velho fechou os olhos, encheu o peito de ar e puxou com força.

A criatura rolou pela coberta até ficar deitada de costas. Em vez de uma cauda de peixe, como o velho esperava, tinha pernas. Estava nua, não tinha pêlos e a pele era tão branca que parecia transparente. No ventre destacavam-se os bordos enegrecidos de uma ferida terrível. Fez lembrar ao rapaz os peixes escamados no mercado.

O velho aproximou-se com cuidado, inclinou-se e tateou aquele torso, a tentar encontrar algum sinal de vida. Estremeceu ao reparar nas outras feridas que se cruzavam no peito. Pressionou ao de leve e a sua mão enterrou-se na carne como em manteiga. Um cheiro nauseabundo emanou do interior. O velho afastou-se aos tropeções até cair contra as caixas de tabaco, mal conseguindo controlar o horror. O filho apressou-se a ajudá-lo e, agarrados um ao outro, observaram a maltratada figura imóvel.

– Pai... o que içámos para a barca?

– Tão certo como Cristo ser Deus, não faço a mais pequena ideia.

De repente, o corpo da criatura foi iluminado por um clarão que traçou por baixo da pele um desenho semelhante aos ramos de uma árvore. Depois de piscar por um instante, a luz desapareceu tal como tinha aparecido. Pai e filho benzeram-se ao mesmo tempo.



REGRESSO

VINTE E QUATRO DIAS ANTES DA INAUGURAÇÃO
DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL

Capítulo 2

– É tudo, meus senhores.

O barulho dos bancos arrastados quebrou o silêncio da sala. Na tribuna, o jovem professor juntou os seus papéis e guardou-os na pasta enquanto observava o desfile dos estudantes a caminho da porta. Bem queria manter a seriedade, mas o sorriso traía-o. Acabava de concluir a sua segunda semana de aulas na universidade, a mesma onde se formara poucos meses antes.

Aproximou-se de uma das grandes janelas. Lá fora, nuvens escuras cobriam o céu mas, ao contrário de outros dias, aquele manto cinzento não diminuiu a felicidade que sentia. Percorrera um longo e tortuoso caminho para chegar àquele púlpito e, por todos os deuses, merecera-o! Passou o olhar pelos edifícios do *campus*. Preparava-se para deixar escapar um suspiro de satisfação quando ouviu uma voz chamá-lo:

– Professor Amat!

Voltou-se. Um estudante esperava, à porta da sala.

– Sim?

– Desculpe, professor, Sir Edward mandou-me chamá-lo.

– Vou já.

Que bem soava. Professor. Professor e membro do Magdalene College, um dos mais prestigiados colégios da Universidade de Oxford.

A substituir o doutor Brown, infelizmente achacado pela gota, mas isso em nada diminuía a importância do facto. Não tardaria a conseguir o seu lugar. A oportunidade já se apresentara e não tencionava deixá-la escapar. Recolheu as suas coisas e saiu da sala onde passaria o trimestre a dar aulas de grego. No corredor, notou os olhares que o seguiam. Os alunos ainda o olhavam com curiosidade.

Quando saiu do edifício ajustou a toga. A chuva, acompanhada por um vento gelado, varria o *campus*. Apesar de Abril chegar ao fim, os dias continuavam frios. Seguiu o caminho de terra com passos rápidos, consciente do rumor que vinha do interior das salas de aula e se espalhava por todo o *college*. O ano lectivo estava no seu apogeu. Deixou à direita a capela onde o coro ensaiava e passou pelo pórtico que dava acesso a um pátio rodeado por edifícios cobertos de hera. Sem hesitar, virou para o caminho de saibro que atravessava o canteiro em diagonal. Estava a ficar encharcado, mas não se importou. Sentia-se tão bem que só tinha vontade de saltar.

Walter abriu-lhe a porta ao vê-lo aproximar-se. O velho era uma autêntica instituição no colégio. Os estudantes diziam que desempenhava as funções de porteiro desde a fundação da universidade, o que era muito improvável tendo em conta que isso acontecera quatrocentos anos antes. No entanto, aquele corpo engelhado como uma passa e o rosto deformado por inúmeras e fundas rugas faziam-no por vezes perguntar-se se o rumor não teria um fundo de verdade. O velho era bem conhecido pelas suas traficâncias; conseguia arranjar tabaco, bebidas ou fosse o que fosse, pelo preço adequado. Claro que o colégio proibia estas transacções, pelo que o negócio de Walter prosperava.

– Senhor Amat... Oh, perdão. – O seu meio sorriso traiu-o. – *Professor Amat...*

Daniel inclinou a cabeça e cumprimentou-o por sua vez. Sabia que apesar de o considerar um «maldito estrangeiro» – como lhe chamara da primeira vez que o vira –, o velho gostava dele.

– Senhor Walter, como está esta manhã?

– Não tão bem como o senhor, suponho. Está um frio dos diabos e doem-me todos os ossos.

– Penso que uma solução de iodo lhe faria bem. Também posso recomendar-lhe um excelente médico.

O velho fez um ar ofendido.

– Por quem me toma? Alguma vez ia pôr-me nas mãos de um mata-gente?

Daniel sorriu.

– Sir Edward está à minha espera.

– Com certeza, professor, suba, suba. Não se atrase por causa de um velho doente que a qualquer momento vai deixar o mundo dos vivos.

Daniel não conseguiu evitar uma gargalhada.

– Obrigado, senhor Walter. Mais tarde talvez precise de umas dessas garrafas que guarda no seu armazém.

– Verei o que posso fazer. – O velho esboçou uma careta que queria parecer resignada. – Não prometo nada.

Voltou-lhe costas e desapareceu, a resmungar, nas sombras da portaria.

Daniel subiu a escada a pensar nos ilustres professores que tinham pisado aqueles mesmos degraus. Chegou num instante ao primeiro piso. A porta do gabinete do reitor, situado ao fundo de um curto corredor, estava entreaberta. Bateu, prudente. Uma voz convidou-o a entrar.

O local de trabalho do reitor era austero. Um tapete cobria o soalho até chocar como uma onda contra a secretária que presidia à sala e as paredes laterais estavam forradas por estantes de nogueira que chegavam ao tecto. Ao fundo, à esquerda, entre dois cadeirões de orellhas, ardia um lume numa lareira de estilo vitoriano por cima da qual um quadro representava a batalha de Bannockburn. Daniel conhecia bem aquele gabinete. Tinha ali passado muitas horas, algumas delas as mais felizes de que se lembrava. O reitor tinha sido o seu tutor durante os primeiros anos. Com o tempo, a incipiente amizade transformara-se numa relação familiar, como a de um pai com o seu filho.

– Meu caro Amat, não fique à porta.

Nem as olheiras nem o cabelo em franca retirada conseguiam apagar a expressão bonacheirona do rosto de Sir Edward Warren. Já entrado na casa dos cinquenta, Sir Edward era um historiador muito considerado nos círculos intelectuais mais selectos, além de gozar de um assinalável prestígio como orador. Especialista em línguas mortas, a mesma disciplina que Daniel ensinava, tinha ascendido dez anos antes ao lugar de *president*, ou reitor – como preferia intitular-se – após a morte do seu antecessor.

– Então, como lhe correu o dia? – perguntou.

Daniel esforçou-se por ordenar os pensamentos, apesar de a sua mente teimar em saltar de um para outro. Sentia-se ao mesmo tempo eufórico e preocupado.

– Hã... muito bem, Sir Edward.

– Muito me alegro. Bem sabe que tenho grandes esperanças depositadas em si.

– Obrigado, senhor, espero ser merecedor da sua confiança.

Sir Edward descartou a dúvida com um gesto da mão e acomodou-se melhor na cadeira.

– Há quanto tempo chegou a Oxford? Seis anos?

– Quase sete.

– Sete! Como o tempo passa, raios. – Sir Edward semicerrou os olhos. – Ainda me lembro de si a entrar por aquela porta, acabado de chegar de Barcelona.

O rosto de Daniel ensombreceu. Alheio a esta reacção, o reitor continuou a recordar:

– Sim... Encharcado até aos ossos por causa do aguaceiro daquela noite, e com a sua mala como única bagagem. As primeiras palavras que me dirigiu foram tão ininteligíveis e o seu aspecto... meu Deus, horrível! Por um momento estive tentado a chamar a polícia, sabia? – perguntou, com uma gargalhada.

Daniel abanou a cabeça.

– Sempre me perguntei o que o motivou a vir. Tem sido muito discreto quanto a este ponto.

– Sabe bem que Oxford é conhecida como sendo a melhor universidade do mundo. Queria vir estudar para cá, foi só isso.

– Sim, sim, sem dúvida. – Sir Edward pôs-se de pé. – O certo é que deixou há muito de ser aquele rapaz... Tornou-se um homem, com um brilhante futuro pela frente.

– Assim espero, senhor.

– Pois bem, Amat – continuou o reitor, entusiasmado –, nestas duas últimas semanas substituiu o senhor Brown de uma maneira mais do que satisfatória. Foi por isso que o chamei.

Sir Edward fez uma pausa antes de prosseguir.

– A sua competência não oferece a mais pequena dúvida. Deu-nos razões mais do que justificadas para nos sentirmos satisfeitos. Ontem, o conselho académico teve a sua reunião mensal. Entre outras coisas, deliberámos por unanimidade oferecer-lhe a cadeira de Línguas Clássicas até ao fim do curso. Que acha?

Daniel foi invadido por uma onda de intensa emoção. Não esperava aquela oferta tão cedo. Sir Edward sorriu satisfeito ao ver a reacção do seu protegido.

– Bom, que me diz? Aceita ou não?

– Com... com certeza, senhor. Claro. É... é fantástico! Estou-lhe muito agradecido, senhor.

– Tolices. Esta oferta é o resultado do seu esforço. A dedicação de que deu provas espantou-nos a todos sem excepção. Poucas vezes vi alguém tão dotado.

Sir Edward dirigiu-se à bandeja das bebidas, pegou em dois cálices e deitou em cada um uma generosa dose de brande.

– Penso que esta notícia vai alegrar também a minha filha, não lhe parece? – acrescentou, num tom brincalhão. – Agrada-me muito pensar que em breve será meu genro. Esta noite, como já sabe, vamos festejar um serão sem dúvida especial. Anunciar o vosso noivado é uma grande alegria. A Alexandra é tudo o que me resta, e tenho a certeza de que o Daniel a fará feliz.

– Amo a sua filha.

Sir Edward assentiu, satisfeito, ofereceu-lhe um dos cálices e murmurou:

– Quero avisá-lo, para que depois não me acuse. A Alexandra é, como a mãe, uma criatura maravilhosa. Bonita, com grandes aptidões, bem educada para governar uma casa e... com um insuportável e imprevisível temperamento galês. – Piscou um olho. – Ao fim e ao cabo, Gales é uma terra de dragões!

Riram os dois. Daniel tinha um enorme afecto por aquele homem que em breve se tornaria seu sogro. Tinha-o acolhido quando mais precisava. Sem exigir explicações, oferecera-lhe o seu saber e a sua amizade. Quando julgava ter perdido tudo, Sir Edward dera-lhe uma nova oportunidade. Nunca poderia retribuir tudo o que dele recebera.

– Brindemos, Amat. Aos netos que me vai dar!

Tocaram os copos, e Daniel molhou os lábios por deferência para com o reitor. Pôs-se de pé logo a seguir, deixando a bebida quase intacta em cima da secretária.

– Sir Edward, tenho de tratar de vários assuntos antes da ceia desta noite. Com sua licença, retiro-me.

– Claro, claro. Também aos meus ouvidos chegaram rumores de uma certa festa organizada pelos seus antigos companheiros. Não se preocupe, os meus lábios estão selados. Mas não se lembre de chegar tarde à ceia, ou a Alexandra mata-o.

Sir Edward riu com vontade enquanto acompanhava Daniel até à porta.

– Ah! – Deteve-se. – Quase me esquecia. Espere um instante.

Voltou para trás e procurou entre os documentos que tinha em cima da secretária até que, com um gesto de triunfo, ergueu no ar um sobrescrito cor de mostarda.

– Chegou esta comunicação para si, hoje de manhã.

– Um telegrama? Para mim?

– É verdade. Enviado de Barcelona.

Daniel tirou o telegrama da mão estendida do reitor; os nervos traíram-no e esteve à beira de deixá-lo cair. Sir Edward não se apercebeu

da sua perturbação e conseguiu guardar o sobrescrito no bolso do casaco sem mais incidentes.

– Se me desculpa, lê-lo-ei mais tarde. Tenho ainda... muito que fazer.

– Claro, claro.

Daniel saiu do gabinete e afastou-se o mais depressa que as pernas trémulas lhe permitiram.



Ao chegar ao seu antigo quarto, deixou-se cair numa cadeira. O fim dos estudos, a oferta do lugar de professor e o noivado com Alexandra tinham acontecido numa tão rápida sucessão que nem tivera tempo para se mudar. As malas esperavam num canto. Faltava-lhe emalar os livros e o resto da roupa. Naquele momento, porém, nada disso tinha para ele a mais pequena importância. A alegria da manhã tinha-se esfumado. A inesperada oferta do cargo e o casamento próximo pareciam-lhe fazer parte da vida de outra pessoa. Olhou para o pequeno sobrescrito que pousara em cima da mesa.

Como era possível, ao fim de tanto tempo?

Levou a mão à nuca, no mesmo gesto inconsciente que fazia nos últimos sete anos. As pontas dos dedos percorreram as dobras endurecidas que o fogo lhe gravara para sempre na pele. Aquelas arestas de carne morta estavam sempre ali para lhe recordar o passado. Quase soltou uma gargalhada. Como fora ingénuo ao pensar que tudo acabaria por ser esquecido. Um simples telegrama bastara para desfazer a ilusão.

Levantou-se da cadeira. Pegou no sobrescrito com um gesto brusco e rasgou-o. No interior encontrou um papel cor-de-rosa dobrado ao meio. Desdobrou-o com dedos trémulos. Passou os olhos, sem ler, pelas linhas da escrita, até conseguir acalmar-se e focar a vista.

Sete anos esfumaram-se de repente.

Deixou cair a mão e apoiou-se ao parapeito da janela. A seus pés, os terrenos do colégio desapareciam sob uma chuva escura e incessante.

Ao fim de tantos anos, tinham-no encontrado. Sempre soubera que podia acontecer mais cedo ou mais tarde, mas nunca imaginara que fosse assim. Perguntou-se se deveria sentir alguma espécie de dor ou de pena, apesar de dentro de si só haver raiva e culpa. Fechou os olhos e encostou a testa à janela. Tentou deter a angústia que lhe crescia no peito. Cerrou os dentes e todo o seu corpo ficou tenso. A dor percorreu a velha cicatriz como uma chicotada. Amarrotou o telegrama entre os dedos e atirou-o para longe. Só então as lágrimas vieram misturar-se às gotas de chuva que corriam pelo vidro.